



Cleandro de Sousa Oliveira Correio*

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar a obra “*Vida Gemida em Sambambaia*” de Fontes Ibiapina, a fim de estudar e valorizar contribuição deste para a Literatura da Seca no Piauí e formação da identidade do povo piauiense. Leva em consideração que Ibiapina tem uma obra grandiosa e importante, no entanto é pouco estudado pela crítica literária. A metodologia de estudo é baseada em estudos (leituras e análises) da obra supracitada, além de outras que tratam da temática seca e da avaliação das questões da seca no Nordeste e também sobre a presença de Fontes dentro da Literatura Piauiense com foco no estudo do flagelo da seca na região. O método utilizado foi à pesquisa bibliográfica em materiais que tinha sido editando antes por outros autores e a leitura e análise da própria obra. Os resultados deste trabalho confirmam a inclusão de Fontes na literatura que busca mostrar o perfil do sertanejo e suas lutas para sobreviver à rigidez da região; os resultados foram alcançados de modo a deixar material como fonte de pesquisa da obra “vida gemida” e de autor, pois a construção deste valoriza a obra e autor em discussão.

Palavras-Chave: Literatura Piauiense. Seca. Fontes Ibiapina. Sertanejo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the work “*Vida Gemida em Sambambaia*” Ibiapina of sources in order to study and appreciate this contribution to the Drought Literature in Piaui and identity formation of Piaui people. Considers that Ibiapina has a great and important work, however, is little studied by literary criticism. The study methodology is based on studies (reading and analysis) of the above work, and others that deal with the dry subject and evaluation of drought issues in the Northeast and also to the presence of sources within the Piauiense Literature focusing on study drought scourge in the region. The method used was the bibliographical research in materials that had been editing before by other authors and the reading and analysis of the work itself. The results of this study confirm the inclusion of sources in the literature that seeks to show the frontiersman's profile and their struggles to survive the rigidity of the region; the results have been achieved so as to leave the material as a research source of work “vida gemida” and author, for the construction of this value the work and the author under discussion.

Keywords: Piauiense Literature. Dry. Fontes Ibiapina. Country.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é analisar a representação da seca dentro da obra de Fontes Ibiapina, sobretudo no livro *Vida Gemida em Sambambaia*. Verificar as contribuições desta para formação da cultura e identidade do povo do sertão piauiense. Apresentando-se através

* Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Pedro II - SEMED/PII.



das expressões usadas no dia a dia por esses cidadãos, mostrar o sofrimento do sertanejo em tempos de seca e sua alegria nos períodos das chuvas. Visa comprovar que a seca não é causada apenas pela escassez das chuvas, mas é um problema social, em que há vários fatores contribuintes para o agravamento da situação das populações da região, tanto no Piauí, como no Nordeste em geral, pois a seca não é algo corriqueira e exclusiva dessas paragens.

O estudo objetiva verificar os aspectos narrativos da obra “*Vida Gemida em Sambambaia*” e mostrar como Ibiapina se insere dentro do moderno romance do regionalismo brasileiro, além de averiguar o porquê de sua narrativa apesar de regional ter tendências universais. O livro está dividido em trinta e nove capítulos, em que o autor conta a vida de Alonso, pobre sertanejo, que luta para sobreviver na terra tentando escapar da seca, em linha temporal linear. Nos três primeiros capítulos relata as crenças, as experiências do sambambaiense em busca da chuva, a partir do quarto capítulo narra e aprofunda a discussão da seca, no ciclo entre 1932 e 1953, tendo como personagem central o sertanejo Alonso. A obra suplanta as barreiras da literatura, tornando-se um relato verossímil do sertão piauiense da época, não obstante do agora.

O presente trabalho foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica, tendo como embasamento teórico as obras: *Vida Gemida em Sambambaia* (1998) de Fontes Ibiapina, *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX* (2005) de Raimunda Celestina Mendes da Silva, *Literatura do Piauí* (2001) de Francisco Miguel de Moura, *Português – série Novo Ensino Médio* (2001) de João Domingues Maia e pesquisas na internet.

2 A SECA NO NORDESTE E SEUS RESQUÍCIOS

O Piauí situa-se no Nordeste brasileiro, região onde as chuvas são escassas e o povo vive a sofrer em períodos de grande estiagem. Sem as chuvas não conseguem desenvolver a agricultura e a criação de animais que são as responsáveis de ordem econômica pela sobrevivência no sertão, ou seja, a seca, como se verifica:

O nordeste, região em que frequentemente falta chuva, pois ou ela chega atrasada, ou vem fora de tempo, constitui-se em território no qual o agricultor passa fome, os animais morrem e quando as possibilidades de sobrevivência se esgotam em suas terras e os homens perdem a esperança nos santos milagrosos, partem para outros lugares, em busca de melhores condições de vida. (SILVA, 2005)

O sertanejo mesmo passando fome e em estado de miséria avançado e sem a condição necessária para sua sobrevivência no sertão, luta, teima e persiste em ficar nos seus rincões,

somente depois de cessada todas as esperanças, inclusive nos santos milagrosos é que ele busca sair de sua terra, que tanto ama. Mas conforme Lúcia Gaspar (2011) “A questão da seca não se resume à falta de água. A rigor, não falta água no Nordeste. Faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades de seu aproveitamento”, portanto a seca que além de problema natural, social, também é de cunho político.

A seca por si não é o problema, já que existe em outros lugares, todavia é tratada de forma a minimizar seus efeitos e sua proporção não é tão agravante como no nordeste brasileiro, pois no sertão do Brasil existe a chamada indústria da seca. Os governantes procuram soluções, no entanto “a seca não é simplesmente a perda das lavouras provocada pela falta de chuvas [...]. O grande proprietário põe em práticas as formas conhecidas de dominação política...” (SILVA *apud* NETO & BORGES 2005). Portanto é uma questão social, em que os latifundiários são os principais beneficiários dos programas de governo em detrimento dos mais pobres e ainda dirigem o território com mão de ferro e autoritarismo. Eles aproveitam-se da inocência das pessoas humildes e necessitadas e ainda os usam como moeda de troca com os políticos mal-intencionados que oferecem favores, aos coronéis donos dos currais eleitorais, pelo voto de seus “comandados”, a essa prática se dá o nome de o “voto de cabresto”, e muitas vezes o coronel é considerado um ‘santo’, como destaca Leal (1978):

Completamente analfabeto, ou quase, sem assistência médica, não lendo jornais, nem revistas, nas quais se limita a ver figuras, o trabalhador rural, a não ser em casos esporádicos, tem o patrão na conta de benfeitor. No plano político, ele luta com o “coronel” e pelo “coronel”. Aí estão os votos de cabresto, que resultam, em grande parte, da nossa organização econômica rural agrária, marcada pela concentração da terra e do poder político local e regional.

É nesse espaço, que está inserido o estado do Piauí e essas mazelas políticas tendem a serem mais acentuadas, além do mais “*distingue-se dos demais Estados, no que se refere ao clima*” (SILVA, 2005). Pois “*o território piauiense possui seu clima dividido em semi-árido, transição semi-árida e transição subúmida,...*”. (SILVA, 2005) E por ter essas características é a região que mais sente os efeitos do flagelo da seca. Silva (2005) acrescenta “*... por serem o Piauí, o Ceará e a Paraíba os que mais sofrem com a seca, a população procura alcançar o Maranhão, cujo clima é mais saudável e menos árido*”.

A seca, portanto, é um elemento rotineiro na vida do nordestino capaz de afetar o campo político, social e conjuntural. É nesse contexto que os escritores, literatos a usam como tema em suas obras abordando a história, o sertanejo, a religiosidade. Eles discutem, divulgam e denunciam os acontecimentos da região, através de sua literatura.

2.1 Literatura, Cultura e Identidade do Sertão Piauiense

A história do Piauí, para ser compreendida, faz-se necessário o estudo das obras literárias do escritor piauiense Fontes Ibiapina, pois através da análise de suas obras pode se observar os aspectos que colaboram para a formação da identidade cultural do homem do sertão piauiense e nordestino, destacando as desigualdades e os processos sociais denunciados nas obras deste autor. “Fontes Ibiapina é assumidamente uma narrativa regionalista, herdeira do regionalismo-tradicionalista nordestino; um realismo do espaço, portanto, disposto ora a denunciar politicamente o presente, ora a lamentar saudosamente o passado”. (AQUINO *apud* RABELO, 2009, p. 2). Ele se utiliza da linguagem própria do sertão para relatar ou embasar a cultura do caboclo do sertão através de sua literatura contribuindo para a formação da identidade do povo do sertão piauiense.

Fontes Ibiapina, *João Nonon de Moura Fontes Ibiapina*, Romancista, contista, teatrólogo e folclorista. Era Juiz de Direito, com atuação em várias comarcas do Piauí, além de professor. Nasceu em Picos em 1921 e faleceu em Parnaíba em 1986. Na literatura piauiense, faz parte da fase Modernista, “pertence ao Movimento Meridiano” Moura (2001)

Ele nem sempre foi bem analisado da forma como deveria, pois sua obra é de uma magnitude grandiosa, a crítica não teve esse cuidado para com as escritas de Nonon, é um regionalista com toques universais mesmo contestando o rótulo, acaba por assumi-lo, “se literatura regional é isso, eu sou um regionalista, porque tenho vivência de todos esses problemas”. (SILVA, 2005)

Temas como a dor, a miséria e outras, que têm o homem como centro da análise, transcendem as barreiras geográficas e temporais, embora o cenário seja o Piauí, mas são situações comuns a várias outras regiões do Brasil e do mundo. A obra de Fontes é vasta, no início de sua carreira como escritor, ele escrevia seus contos “*submetia-os aos concursos das revistas Cigana e Alterosa...*”, vindo a ganhar “*... muitos desses concursos...*” (MOURA, 2001). Depois os reuniu em seus primeiros livros. Escreveu: contos, romances, folclore, teatro, sendo os mais conhecidos: *Palha de Arroz*, 1968 e *Vida Gemida em Sambambaia*, 1985 (Obra objeto de estudo deste artigo científico) entre outras. Ibiapina é um escritor que observou o povo de sua terra e escreveu sobre os mesmos.

3 VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA: UM RECORTE DA SECA

A narrativa incide em contar fatos, falar sobre os mesmos. “O texto narrativo é eminentemente temporal e espacial. Envolve a ação, o que produz a personagem, o agente do processo narrativo” (MAIA, 2007). É um texto que se inicia com a complicação (início do conflito) segue para uma situação chamada de “clímax” (maior tensão na história) e assim direciona-se para “resolução” (solução do conflito o retorno à ordem) e concentra-se no “suspense” e com “fecho” magnífico.

A obra em estudo nasce do conto “Trinta e dois” que narra a seca de 1932. Fontes aprofunda a discussão da seca, surgindo então *Vida Gemida em Sambambaia*, que trata do ciclo da seca entre 1932 e 1953. A narrativa tem como foco principal os conflitos da luta do pobre sertanejo para sobreviver na terra. A diegese, palavra essa que segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [consultado em 14-08-2016], significa o que segue “(grego *diégesis*, -eos, narração), ato de contar ou narrar histórias”, de Fontes Ibiapina apresenta várias faces do discurso, perpassando pelos diferentes eixos temporais: “presente, passado e futuro, de tal forma que se vive o presente buscando sinais de como será o amanhã, olhando para a experiência do passado” (SILVA, 2005). Esse trabalho de intercalações do discurso ora no presente avançando para o futuro e retornando ao passado é uma característica do romance moderno. “É o que Carlos Reis chama de *tempo humano*”. (SILVA, 2005, p.51).

O romance “*Vida Gemida em Sambambaia*” está dividido em trinta e nove capítulos. Ibiapina, nos três primeiros capítulos, relata as crenças, as experiências do sambambaiense em busca da chuva e inicia o 1º capítulo da seguinte forma:

Dezembro, dia 14. A matutada sambambaiense amanheceu de crista caída. A experiência das pedrinhas de sal que lhes trouxera um recado fúnebre. Santa Luzia descendo do céu com um recado triste. E Santa Luzia jamais mentiu para aquela gente. Em qualquer casa, pelas várzeas, pelos recantos de morros, onde quer que se encontrasse um cristão, a conversa era uma só. Aquela conversa tão repetida, tão amassada pela língua de todos. A conversa de que não ia chover. (IBIAPINA, 1998)

Observa-se que a descrição do espaço onde acontece à narrativa é de Sambambaia, região de Picos, interior do Piauí. O lugar já está na iminência da seca e o sertanejo se valendo de suas crendices a tentar adivinhar se haverá chuva no ano vindouro. A experiência das pedras de sal na noite de Santa Luzia trouxe o recado que não haveria chuva e se segue por todo o primeiro capítulo o relato das experiências dos saberes popular: “chuvas dos cajus” que não vieram, “*Mas a matutada sambambaiense não perde assim a esperança de uma hora para outra*” (IBIAPINA, 1998).

Outra experiência a noite de 24 de dezembro, “*As carnaubeiras penduravam gordos cachos e a peitica cantava a noite toda*” (IBIAPINA, 1998) todo sertanejo sabe “*Quando as*

carnebeiras parem muito, não há inverno; enquanto a peitica canta, não chove. (IBIAPINA, 1998); São Gonçalo sem chuva, *“as galinhas não se espojavam, nem os porcos arrastavam palha. Xique-xique não floravam de modo algum”* (IBIAPINA, 1998) e quarta-feira de cinzas nada de chuva *“Cinzas molhadas semana santa molhada”* (IBIAPINA, 1998) só faltava à experiência do dia 19 de março dia de São José foi mais uma que falhou, todas as experiências só indicava uma direção *“Trinta e dois seria mesmo seco de lés a lés. Não havia apelo. Estava escrito”* IBIAPINA (1998), que esse ano seria de seca, pois todas as experiências conhecidas pelos sertanejos a indicavam.

Nos capítulos dois e três a seca começa a piorar. A fome e a morte batem a porta, em tudo o que se olha há o sinal da desgraça em cima da terra, para todos os lados só se via sofrimento e dor, agravando-se fortemente para os mais pobres, *“seca de arrancar toco, de doer na alma”*, (IBIAPINA, 1998). Com o agravamento da situação, as famílias com destinos incertos começam a sair da tão querida Sambambaia em direção ao Maranhão lugar onde há muita água e chuva abundante. De vez em quando, um pobre pai de família se arrumava e seguia para o estado vizinho para não morrer de fome naquela seca, mesmo tendo que deixar aquela terra tão querida e alegre. Nesse capítulo Ibiapina relata suas visões ainda criança dos retirantes que passavam pelas vazantes, nas terras de seu pai, a religiosidade na fala da mãe do autor e do trato com o gado da família, na tentativa por escapá-los da seca que não dava tréguas.

Fontes foi muito feliz ao escolher o título *“Vida Gemida em Sambambaia”*, pois retrata bem a vida daquela povoação, Sambambaia nome composto mistura de Samba e baia retrata a alegria da gente daquele lugar, especialmente na época de chuvas, *“vida gemida”* retrata o sofrimento durante as secas.

A partir do quarto capítulo é contada a história do sertanejo Alonso, *“Nasceu, enterrou o umbigo e se criou em Sambambaia”* (IBIAPINA, 1998). Ele era apaixonado por aquela terra, de onde não pretendia sair nunca, mesmo que isso significasse sua morte devido à fome ocasionada pela seca. *“Alonso era mesmo um produto danado de rígido daquelas caatingas. Rígido como a própria região, como a terra. Rígidas como as Secas.”* (IBIAPINA, 1998). Trabalhava no trato do gado de *“seu Zacarias da Mata”* (IBIAPINA, 1998) velho fazendeiro da região que tinha umas *“pontas de recurso”* para passar o período do flagelo. O personagem central da história já passava fome, com sua esposa e os filhos, que já comiam *“o sobejo do gado – macambira”*. (IBIAPINA, 1998). O sertanejo tinha muitos defeitos, mas nunca roubara na vida e chegou ao ponto de fazê-lo: roubando bodes.

O sumiço dos bodes só aumenta na região, no capítulo cinco, Chico Capoeira quase surpreende Alonso com o produto do roubo, mas com sua esperteza consegue despistar o velho Chico. Mas o velho era esperto e ficou a espreita, ficou a observar os passos dele e o pegou em flagrante. Capoeira em troca de alguns trocados com certeza iria entregar o seu compadre, mas o personagem principal de Ibiapina sempre diz: *“Roubar para não morrer de fome não é feio, não é crime, não é pecado.”* (IBIAPINA, 1998). Alonso consegue convencer Capoeira a não lhe entregar e o velho propõe que os dois pratiquem o roubo, então ficam acordados dessa forma, a subtração de animais cresce desordenadamente.

Os fazendeiros e criadores ficam a cada dia que passa mais assustados com o sumiço dos bodes, até que apareceu algum serviço da retirada do pó de carnaúba que rendia alguns trocados para os homens daquelas terras, ao receber pelo trabalho Alonso vai a cidade toma umas cachaças aqui outras ali. No retorno vai à casa de Antônia Sipaúba que recebia uns tostões em troca de seus carinhos, Maria do Céu deduzindo a traição do marido prometeu de entregá-lo a polícia.

“Matias das Barreiras era quem mais por ali tinha vontade de pegar o ladrão de bode” (IBIAPINA, 1998), pois ele era um dos mais prejudicados, tinha perdido para *“um quarto do seu rebanho”* (IBIAPINA, 1998), em um sábado Alonso dormiu muito e quando fora comercializar as peles das cabras foi pego e preso, levou um bronca ferrenha do delegado, mas depois de servir as autoridades locais Alonso foi posto em liberdade tentou fugir para o Maranhão roubando dois jumentos, mas foi recambiando junto com a família pelos policias, entretanto como ele mesmo diz: *“Contra o governo ninguém pode no mundo, porque só ele mesmo quem manda em tudo”* (IBIAPINA, 1998) é retirado da cadeia pelo seu patrão, nessa passagem vê-se que quem tem algum dinheiro, de qualquer forma acaba conseguindo as regalias comprovando o poder daqueles que possuem o crédito político.

Alonso deixou de praticar os roubos e o ano já findando, era fim de setembro vieram às chuvas do caju, as primeiras chuvas do ano de 1932. O ano de 1933 foi ano de chuva de bom inverno *“Acabou-se tempo ruim”* (IBIAPINA, 1998), ano de muita fartura, ano de muitas festas, de muito São Gonçalo festa em comemoração ao inverno e os bons frutos daquele ano, confirmando a alegria daquela gente de Sambambaia. Em 1937, a chuva não foi tão boa, os anos seguintes foram anos bons, anos de chuva, o sertanejo não passou sofrimento, pois havia o que comer, mas em 1951 seria um ano de seca, 1952 seria praticamente a mesma coisa e 1953 a *“canção triste, melhor dizendo: um bendito de defunto, nas caatingas secas de Sambambaia”* (IBIAPINA, 1998).

A seca de 1953 seria pior que a de 1932, pois se agravava, as sepulturas se espalham pelo sertão e os bodes começaram a sumir e os fazendeiros já preocupados. As suspeitas já começavam e se definir que era o ladrão de bode até que desapareceu uma novilha de José de Sousa, velho esperto foi à casa de Alonso que não estava em casa e nem Maria do Céu, só filho mais novo, o velho armou a cilada e o filho de do casal caiu, Alonso foi preso, depois de solto e de mais uma bronca do delegado, essa mais dura que a primeira. Alonso enfim decide abandonar a terra que tanto ama, mas com a esperança de um dia voltar com uma “ponta de recurso” e os filhos com estudo. Ibiapina finaliza o livro a descrever o seu protagonista pegando o pau-de-arara:

Finalmente, lembrou-se de tudo o quanto de bom e ruim de sua vida tão cheia de altos e baixos naquela terra. Foi quando sentiu aquela coisa morna correndo pelo rosto. Passou a mão e sentiu, e viu: estava chorando. O pau-de-arara buzinou e partiu. Foi se embora o homem. (IBIAPINA, 1998)

Alonso é típico sertanejo, sofredor, batalhador, às vezes até metido a muito esperto, uma espécie de *Macunaíma*, descrito por Fontes representando a imagem do caboclo do sertão em busca da sobrevivência, mesmo que tenha que pisar em falso, mas procura uma explicação para sustentar essa tese “roubar para não morrer de fome não é crime, não é pecado” frase que o personagem usa para explicar os roubos dos bodes.

4 METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, tendo como embasamento teórico as obras: *Vida Gemida em Sambambaia (1998)* de Fontes Ibiapina, obra a qual teve toda uma atenção especial em sua análise, a qual foi feita leitura e releitura para poder compreendê-la e construir o presente artigo. *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX (2005)* de Raimunda Celestina, essa obra da autora piauiense fora muito utilizada e é principal referencial teórico deste artigo, pois a obra supracitada trás com profundidade a discussão sobre a questão da seca no Nordeste e no Piauí. *Literatura do Piauí (2001)* de Francisco Miguel de Moura, essa última obra também fora estudada (leituras), das quais foram tiradas algumas contribuições para a construção deste trabalho pesquisas na internet, entre outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida Gemida em Sambambaia é, portanto, uma obra que expõe a questão da seca no nordeste brasileiro, mais especificamente no interior do Piauí, tem caráter histórico, mas é uma narrativa literária, por ser de ordem fictícia. O autor critica as formas de políticas implantadas para o povo mais carente em detrimento dos mais ricos. Ele relata a aflição do sertanejo para sobreviver às secas da região, faz a denúncia dos males sociais pelos quais passa aquela gente tão sofredora da alegre Sambambaia em tempos de inverno, mas também triste e de “vida gemida” em tempos de seca. Ibiapina usa Alonso para descrever o sertanejo e sua saga durante o ciclo da seca entre os anos de 1932 e 1953, apresenta-o como um nativo do sertão que nunca pretende deixar sua terra natal, mas devido à consequência das dificuldades de ficar ali no seu reduto acaba por fazer a migração em busca de dias melhores, tendo como sonho de um dia voltar.

A obra pode ser considerada regional, mas num tom universal, pois reflete as dores, os problemas sociais que são corriqueiros a qualquer tempo tanto no passado, como no presente e futuro. Torna-se para o contexto do sertão piauiense uma obra atemporal. O artigo teve seu objetivo alcançado, pois comprova a inserção de Ibiapina dentro da Literatura da seca do Piauí, como um dos principais autores desta. Ele tem grande contribuição na discussão e construção da identidade do povo piauiense, já que os retrata em sua essência.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Jakeline Rodrigues de. **Fontes Ibiapina: cultura e identidade do sertão piauiense**. Disponível em: <www.uespi.br/.../FONTES_IBIAPINA>. Acesso em 15 dez. 2011.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/diegese>>. Acesso em: 15 ago. 2016

GASPAR, Lúcia. Seca no Nordeste brasileiro. **Pesquisa Escolar on-line**, Fund. Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 31 out. 2011.

IBIAPINA, Fontes. **Vida Gemida em Sambambaia**. Teresina: Corisco, 1998.

MAIA, Raul. **Redação prática**. São Paulo: DCL, 2007.

MAIA, João Domingues. **Português**. Editora Ática, 2001.

MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí: 1859-1999**. Teresina: APL, 2001.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.